

RELIGIÃO, FESTA E ECONOMIA POPULAR TRANSNACIONAL: LÓGICAS *CH'IXI* DA MIGRAÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO

Ismael Eduardo Schwartzberg Arteaga¹

Resumo

Ch'ixi é um conceito teorizado pela socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui para entender a heterogeneidade e a diversidade da sociedade boliviana. O conceito questiona os binarismos e a homogeneização das singularidades, buscando combater o apagamento da memória coletiva provocado pelas políticas estatais e suas formas encobertas de colonização do conhecimento. Com base nesse conceito, analisamos as características das economias populares em São Paulo que, da mesma forma que na Bolívia, empregam estratégias semelhantes para se integrar e se expandir em cidades como Buenos Aires ou São Paulo, onde também as dimensões do ritual e do espiritual se complementam com o aspecto material.

Palavras-chave: *Ch'ixi*. Migração boliviana. São Paulo.

Abstract

Ch'ixi is a concept theorized by the Bolivian sociologist Silvia Rivera Cusicanqui to understand the heterogeneity and diversity within Bolivian society. The concept questions binary oppositions and the homogenization of singularities, aiming to counteract the erasure of collective memory caused by state policies and their covert forms of knowledge colonization. Using this concept, we analyze the characteristics of popular economies in São Paulo, which, similarly to Bolivia, employ comparable strategies to integrate and expand into cities like Buenos Aires or São Paulo, where the dimensions of ritual and spirituality complement the material aspects.

Keywords: *Ch'ixi*. Bolivian migration. São Paulo.

¹ Doutorando no programa de Mudança Social e Políticas Públicas, Universidade de São Paulo. Bolsista da CAPES, Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) edital nº 44/2022

Introdução

O processo migratório boliviano, particularmente para a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), tem sido de interesse de estudos brasileiros, que com diferentes abordagens acadêmicas têm analisado esse fenômeno social que, na década de 1990, começou a se tornar mais visível.

O pioneiro a se interessar por esse processo migratório foi o antropólogo Sidney Silva (2017). Sua relação com o Centro de Estudos Migratórios (CEM) e a Pastoral dos latinoamericanos em São Paulo possibilitou a aproximação com os imigrantes bolivianos, que até hoje têm uma relação importante com a Pastoral. Isso porque, quase todos os finais de semana, na igreja da pastoral, os/as bolivianos/as assistem a missas, além de diferentes eventos. Na igreja, há vários anos, estão as imagens das Virgens de Copacabana e Urkupiña, às quais os/as bolivianos/as prestam devoção e para as quais foi criado um tempo ritual que constituiu a comunidade imaginada (ANDERSON, 1983) boliviana aspectos relevantes dos quais falaremos mais adiante.

Sidney Silva indica que, até a década de 1950, a migração boliviana era praticamente irrelevante. No entanto, a assinatura do Convênio de Intercâmbio Cultural No 11897, pelos presidentes Juscelino Kubitschek, do Brasil, e Hernán Siles Suazo, da Bolívia, permitiu a entrada de jovens bolivianos por motivos de estudos (SILVA, 1997).

Esse convênio fazia parte do Ata de Robore, que, além do acordo cultural, tinha como principal objetivo acordos comerciais para a exploração do petróleo boliviano e a construção de uma ferrovia entre as cidades de Corumbá e Santa Cruz (NOBREGA, 2014, p. 49).

Devido às mudanças estruturais na economia e política bolivianas, nas décadas de 1980 e 1990, a migração boliviana aumentou. Porém, nesse período começaram a chegar pessoas oriundas da área rural e trabalhadores das minas (SILVA, 2017). Também chegaram, embora em menor quantidade, exilados políticos, perseguidos pelos governos militares daquela época, 1964 – 1982 (NOBREGA, 2014, p. 51).

Com o fim dos governos ditatoriais e a subsequente transição para a nova democracia na Bolívia, ocorreu uma hiperinflação entre 1982 e 1985. O governo de esquerda de Hernán Siles Suazo teve de dar um passo para trás e convocar eleições. O novo presidente, Victor Paz Estensoro, com o objetivo de deter a hiperinflação, promulgou o decreto 21060, que deu início ao processo neoliberal na Bolívia.

Com essas reformas estruturais incentivadas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), reduziu-se a presença do Estado e as principais empresas estatais foram diluídas, causando a

demissão de milhares de trabalhadores, principalmente mineiros (KLEIN, 2011), que foram obrigados a migrar para as principais cidades e também para o exterior.

No entanto, foi justamente o aumento dos imigrantes bolivianos para o Brasil na década de 1990 que chamou a atenção dos pesquisadores brasileiros. Os estudos focavam principalmente nas relações de trabalho e nos deslocamentos territoriais (SILVA, 1997, 2006, 2017; TAVARES, 2012, 2013, 2014; NÓBREGA, 2014; ILLES; TIMÓTEO; PEREIRA, 2008; SOU-CHAUD, 2012; CYMBALISTA; XAVIER, 2007; UEBEL, 2015; MIRANDA, 2027).

Um trabalho que se destaca em relação à origem da maioria dos imigrantes bolivianos que vivem na Região Metropolitana de São Paulo é o realizado pela socióloga Iara Rolnik Xavier (2010). Em sua pesquisa, ela explica as razões pelas quais a origem do imigrante boliviano que chega à RMSP seria principalmente da cidade de El Alto, a qual ela vai denominar “reservatório populacional”.

Da diáspora a uma comunidade transnacional

Embora não haja dados oficiais, estima-se que um quinto da população boliviana se encontre fora do país, sendo os países Argentina, Brasil, Chile, Espanha e Estado Unidos aqueles que abrigam o maior número de pessoas. Devido a isso, porque é um processo constante que já dura muitas décadas, pode-se considerar a Bolívia como uma diáspora, devido à influência exercida nessa relação diaspórica (centro – periferia) em termos políticos, econômicos, sociais e culturais.

Usando como referência a experiência judaica, a dispersão de pessoas em diferentes países estrangeiros à sua terra natal é o elemento essencial que caracteriza a diáspora; no entanto, esse conceito tem sido questionado no âmbito acadêmico devido ao surgimento de novas experiências resultantes de desastres naturais, conflitos bélicos, crises econômicas, globalização e tecnologia virtual.

Nessa perspectiva, o cientista social sul-africano Robin Cohen (2008) traz novas abordagens para pensar na pátria, sólidas, flexíveis e líquidas. Cohen explica que em várias experiências migratórias não é mais evidente a relação com a pátria geográfica e que agora existe uma desterritorialização na ideia de pátria como o sentido essencial da diáspora (COHEN, 2008).

Ele vai fazer referência a Willian Safran (1991) para explicar que é possível o conceito de diáspora quando os membros da comunidade compartilham características dispersas do seu centro original em uma, duas ou mais regiões estrangeiras, retêm a memória de sua pátria, não

se sentem aceitos no país de acolhimento, permanecendo parcialmente separados e esperando retornar ao lugar de origem, mantendo um compromisso e conexão com a pátria de várias maneiras (SAFRAN apud COHEN, 2008).

A organização Internacional para as Migrações caracteriza a diáspora boliviana com uma dupla concepção: uma diáspora cíclica e estruturada, histórica e recorrente, e uma diáspora contingente e temporal.

Este segundo tipo de diáspora tende não só a aumentar a mobilidade das migrações tradicionais e cíclicas, mas também é capaz de gerar novos atores fora das estruturas tradicionais. Assim nós temos movimentos que não são mais essencialmente rurais e étnicos, mas abertos para áreas periurbanas onde vivem os povos indígenas e os colonos urbanos das capitais da Bolívia (OIM, 2002, p. 30).

A fundamentação disso baseia-se em estudos realizados principalmente por sociólogos bolivianos, como Alfonso Hinojosa e Alejandro de la Torre, que conduziram pesquisas em países como Argentina, Estados Unidos e Espanha. Ambos os autores indicam que os movimentos migratórios que compõem a diáspora boliviana podem estar relacionados a aspectos históricos anteriores ao período colonial.

Para explicar essa relação, ambos os autores fazem referência ao etno-historiador ucraniano John Victor Murra (1916 – 2016) e ao historiador boliviano Ramiro Condarco (1927 – 2009). Condarco (1970) abre a possibilidade de que muito antes da chegada dos espanhóis, existiam intensas relações de intercâmbio entre populações andinas e tribos amazônicas (CONDARCO, 1970). Paralelamente, Murra afirma que o homem andino desenvolveu um macro sistema econômico anterior ao Tawantinsuyu, ao qual chamou de “*control vertical de un máximo de pisos ecológicos*” (MURRA, 1975, p. 60).

No estudo realizado por De la Torre sobre famílias bolivianas que vivem nos Estados Unidos, mas mantêm uma relação permanente com sua família nos vales do Departamento de Cochabamba, ele parafraseia Murra, indicando que hoje se poderia falar de um *archipelago e pisos ecológicos transnacionales* (DE LA TORRE, 2006, p. 65).

Por sua vez, Hinojosa (2009) afirma que não se trata apenas de estratégias de sobrevivência, mas, sim, de um “*habitus*” (BOURDIEU, 2007) que remonta a esses deslocamentos que já existiam em épocas pré-hispânicas.

Entretanto, neste trabalho, argumento que o conceito de diáspora tem uma conotação estrutural e hegemônica quando é utilizado pelo Estado e por organizações que agora vêem os benefícios

no desenvolvimento do país em termos econômicos, naturalizando uma situação pelo qual o Estado é responsável, mas agora se aproveita e inclusive a enaltece positivamente ao aumentar a cada ano.

A maior prova disso foi o último discurso do presidente Luis Arce Catacora em 6 de agosto de 2023, em homenagem aos 198 anos do atual Estado Plurinacional da Bolívia. Nesse discurso, o presidente destacou como relatórios de sua gestão o recorde histórico alcançado em termos de remessas econômicas do exterior².

Nesse sentido, o Banco Central da Bolívia publicou um comunicado informando que durante o primeiro quadrimestre de 2023, as remessas atingiram 294 milhões de dólares, seis milhões a mais do que no mesmo período de 2022. A maior quantidade veio de residentes na Espanha, com 30,6%, seguida pelo Chile, com 25,3%, Estados Unidos, com 19,1%, Brasil, com 6,0 %, e finalmente Argentina, com 4,0%. O Departamento que mais se beneficia é Santa Cruz de la Sierra, que recebeu 44,4%, seguido por Cochabamba com 28.2% e La Paz com 12,3%³.

Por outro lado, o governo também se aproveitou dos imigrantes em termos políticos. No trabalho realizado por Eduardo Domenech e Alfonso Hinojosa, estes mostram que a política estatal em relação à migração internacional era omissa, Foi no governo de Evo Morales que o voto no exterior foi aprovado em 2009 (DOMENECH; HINOJOSA, 2009)

Embora o voto no exterior seja um fato importante, que estende um direito político às pessoas que vivem fora do país, nas quatro eleições realizadas até agora, o partido de Evo Morales foi o mais beneficiado. Venceu por ampla maioria principalmente na Argentina e no Brasil. Inclusive é muito importante sublinhar que a quantidade de votantes na Argentina é maior do que a registrada no Departamento de Pando e, como visto nas quatro eleições (2009, 2014, 2019, 2020)⁴, o MAS venceu por ampla margem. Portanto, evidencia-se que o governo tinha uma motivação particular para permitir que os bolivianos no exterior pudessem votar.

E se, estruturalmente e de cima para baixo, a migração boliviana pode ser pensada como diáspora, de baixo para cima, das economias populares e dos sujeitos protagonistas, também pode ser definida como comunidade transnacional (CUSICANQUI, 2010).

²CANAL 26. Hubo récord de remesas enviadas por bolivianos desde el exterior. Disponible en <https://www.youtube.com/watch?v=CIaeIgnpwZI> Acesso em 24 de novembro 2023.

³ Banco Central de Bolivia. Remesas familiares recibidas alcanzaron un récord histórico nunca antes registrado: \$US 494 millones. Disponível em: <https://www.bcb.gob.bo/?q=encuesta-remesas> Acesso em: 14 de junho 2023

⁴ Organo Electoral Plurinacional. Disponível em: <https://www.oep.org.bo/> Acesso em: agosto 2023.

Assim, Cusicanqui traz a memória subalterna como um poder importante para explicar as migrações atuais, com base no conceito de *ch'ixi*, referindo-se aos deslocamentos *ch'ixi* no mercado global, olhando em reverso para a história, onde os sujeitos tiveram e têm a possibilidade, embora simbolicamente, de enfrentar o poder homogeneizante do opressor (RIVERA CUSICANQUI, 2010).

As comunidades aimarás atravessam assim em um *thaki* postcolonial, feito de fluxos e refluxos cíclicos. Em seu deslocamento articulam modas com tradições recuperadas, inventam genealogias e reinterpretam mitos, manchando com suas pumas e seus sóis os tecidos da indústria global, transformando seus camiões de alta tonelagem em altares de santos e diabos. O cenário da diáspora laboral aimará contém assim algo mais que opressões e sofrimentos: é um espaço de reconstrução da subjetividade, como o são seguramente todos – inclusive os mais brutais – cenários de dominação, sim somos capazes de ir mais lá da vítima sacrificial (RIVERA CUSICANQUI, 2010, p. 15).

A relação entre estrutura e subjetividades foi estudada pela socióloga argentina Veronica Gago (2014) no processo migratório boliviano na cidade de Buenos Aires. A autora explica que existe uma razão neoliberal que se estrutura de cima para baixo, mas que reinventa de baixo para cima em uma situação promíscua e abigarrada.

Gago dirá que “o neoliberalismo desde abaixo implica de maneira não linear formas comunitárias” (GAGO, 2014, p. 17) não observando o trabalho informal que se realiza nas oficinas de costura e no comércio de forma negativa e encaixada em um julgamento jurídico, e sim de modo positivo por sua característica inovadora e que promove novas formas produtivas, comerciais e de relacionamento, onde estão implícitas as motivações subjetivas, as estratégias de resistência, e o impulso vital.

Economias populares transnacionais

No contexto boliviano, o antropólogo norte-americano Nico Tassi (2015) estuda essa relação entre lógicas locais e globais, seus elementos e características singulares. Tassi explica que o surgimento do que hoje é chamado de economia popular ocorre porque uma maioria indígena, originária das áreas rurais da Bolívia, não foi articulada à economia estatal, mas, sim, desterritorializada em seu próprio território e obrigada a migrar. Entretanto, o autor explica que as comunidades conseguiram lidar com as situações de crise, rearticulando-se e reterritorializando-se em outros espaços. Isso se evidencia em locais como a cidade de El Alto, onde muitos bairros são praticamente comunidades que se reterritorializaram em novos espaços e se articulam às lógicas da cidade, reinventando suas próprias dinâmicas e "ruralizando" a cidade.

Para o antropólogo Tassi, na Bolívia, a economia e sua participação nos fluxos globais foram estruturadas em torno de instituições econômicas locais. Essas economias informais, indígenas e camponesas, não se volatilizaram, fragmentaram ou se desintegraram no encontro com processos modernos de desenvolvimento ou com as lógicas do capital global, como especulavam teorias e políticas impostas de fora.

Com base em lógicas tradicionais, essas comunidades formadas por imigrantes indígenas conseguiram se articular às lógicas globais sem perder autonomia. Dessa maneira, o autor explica que esses migrantes, em diferentes momentos de crise, souberam se posicionar de forma criativa, como provedores de serviços, de redes de segurança social e econômica. Promoveram também formas de reterritorialização em espaços abandonados por instituições oficiais em retirada (TASSI, 2015).

Com isso, o autor se refere à política econômica e científica que, nos anos 90, impulsionou a desburocratização do Estado e desregulou a rigidez das normas para fomentar as capacidades individuais. No entanto, na década seguinte, as agências internacionais de desenvolvimento mudaram essa posição ao expressar que seus investimentos nos países pobres sofrem com a falta de uma regularização mais efetiva, já que as empresas multinacionais estavam desestabilizadas por atores informais que evitavam os custos da regulamentação e utilizavam uma série de recursos para diminuir os preços (TASSI, 2015:13).

Esses grupos, chamados de tradicionais ou obstáculos ao desenvolvimento, conseguiram tecer instituições e estratégias próprias por meio da reativação e reconfiguração de estruturas locais que permitiam não serem reduzidos ou absorvidos pelo sistema, mas reconfigurá-lo por meio da articulação primordial que na economia popular se dá entre o comercial e o produtivo (TASSI, 2015).

No caso dos atores econômicos populares bolivianos, observa-se uma capacidade simultânea de construir alianças, consolidar e expandir suas estruturas sociais, religiosas e econômicas no seio da economia global. O que é interessante destacar é a capacidade desses atores de fundamentar, expandir e articular estruturas/institucionais 'tradicionais' existentes - a fraternidade, a comunidade, as redes socioeconômicas com ancoragem histórica - com o objetivo de gerar margens de autonomia e não serem reduzidos a simples objetos à mercê das regras do capital, individualização, branqueamento, mera maximização do lucro, abandono de identidades e práticas tradicionais (TASSI, 2015).

Na mesma perspectiva, Alfonso Hinojosa e Germán Guaygua realizam um trabalho sobre a relação entre economia popular e dinâmicas festivas transnacionais dos setores populares aimarás vinculados a dinâmicas transnacionais (laborais e/ou comerciais), colocando o desafio de analisar os entrecruzamentos que ocorrem entre essas lógicas e práticas, que em vários casos são bem-sucedidas (HINOJOSA; GUAYGUA, 2015).

Ambos os autores citam outro sociólogo boliviano, Carlos Toranzo (1993), talvez o primeiro a pensar nas dinâmicas desses setores populares. Com base no conceito de 'neoliberalismo popular', Toranzo argumenta que os setores populares se aproximam do Estado para que este os proteja, fornecendo saúde, educação e infraestrutura; no entanto, esses setores não desejam que o Estado interfira no controle de seus negócios ou empresas, nem que perturbe a lógica de mercado (TORANZO, apud HINOJOSA; GUAYGUA, 2015).

Toranzo (2020) caracteriza aimarás e quéchuas como 'fenícios andinos', pois teriam uma adaptação cultural rápida às mudanças do mercado. No entanto, o autor ressalta que nem todos os setores populares, nem as novas classes médias, podem ser definidos como burguesia chola, pois essa categorização se referiria às pessoas e aos setores que alcançaram o topo da pirâmide. Ele esclarece que a maioria dos setores populares, como os comerciantes de rua, vendedores de roupas usadas e motoristas, está imersa em uma economia de subsistência (TORANZO, 2020).

As burguesias cholas estão conectadas ao mercado global e, no caso específico do Brasil, Cobiya, a capital do Departamento de Pando, é como a 'Miami' das cidades brasileiras próximas, onde é possível adquirir produtos contrabandeados, especialmente eletrodomésticos. Os portos de Arica e Iquique, no Chile, são locais dominados por essas burguesias. Inclusive, La Salada, na cidade de Buenos Aires, a maior feira ao ar livre da América Latina, também foi construída por essa burguesia chola, conforme explicado por Toranzo (2020).

Embora essas burguesias cholas invistam na educação de seus filhos, enviando-os para as melhores universidades, anteriormente na Universidade de La Plata, na Argentina, depois na Universidade de Monterrey, no México, e agora nos Estados Unidos e na China. O autor também afirma que na cidade de El Alto existem institutos de ensino que atualmente oferecem mais ensino de mandarim do que inglês (TORANZO, 2020).

Que é o *ch'ixi*?

Desconstruir ideias impostas no passado ao repensar constantemente o presente sob a ótica do passado é um aspecto metodológico presente em Silvia Rivera Cusicanqui. Nesse processo,

surge o conceito de '*ch'ixi*', uma palavra *aymara* que a socióloga e ativista boliviana elabora com base no conhecimento da linguagem, mas principalmente da filosofia da cultura *aymara*. Para a autora, esse conceito representa uma dialética sem síntese, que se reproduz continuamente pelo choque de opostos que, por sua vez, se complementam (RIVERA CUSICANQUI, 2010, 2015, 2018).

Segundo a explicação de Rivera Cusicanqui, o conceito de '*ch'ixi*' se opõe à ideia de 'abigarrado' proposta por Rene Zavaleta Mercado, que buscava compreender a heterogeneidade da sociedade boliviana em toda a sua profundidade histórica (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 19).

Zavaleta descrevia a sociedade boliviana como 'abigarrada':

Si se dice que Bolivia es una formación abigarrada es porque en ella se han superpuesto las épocas económicas (las del uso taxonómico común) sin combinarse demasiado, como si el feudalismo perteneciera a una cultura y el capitalismo a otra, y ocurrieran sin embargo en el mismo escenario; o como si hubiera un país en el feudalismo y otro en el capitalismo, superpuestos y no combinados. Tenemos, por ejemplo, un estrato, el neurálgico, que proviene de la construcción de la agricultura andina, o sea de la formación del espacio; tenemos por otra parte (aun si dejamos de lado la forma *mitimae*)¹⁵ el que resulta del epicentro potosino, que es el mayor caso de descampeñización colonial; verdaderas densidades temporales mezcladas, no obstante, no sólo entre sí del modo más variado, sino también con el particularismo de cada región, porque aquí cada valle es una patria, en un compuesto en el que cada pueblo viste, canta, come y produce de un modo particular y todos hablan lenguas y acentos diferentes sin que unos ni otros puedan llamarse por un instante la lengua universal de todos. (ZAVALETA, 2009, p. 9)

O '*ch'ixi*' seria então um esforço epistemológico com o qual se tenta superar o historicismo e os binarismos da ciência social hegemônica (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 41). Esta, ao tentar homogeneizar as sociedades latino-americanas, apaga as marcas de um passado colonial. Nesse sentido, a partir de cima, foram criados conceitos como sincretismo, hibridismo ou mestiçagem, apagando as identidades e suas potencialidades críticas que não esquecem que as desigualdades do presente são consequência de um passado não resolvido.

Em *aymara*, '*ch'ixi*' seria traduzido como cinza, e para a autora o cinza não é uma terceira cor, mas uma falsidade óptica produzida pela proximidade de duas cores, preto e branco, cujos pontos estão tão próximos que, à distância, dão a sensação de uma terceira cor, mas de perto é visível mais como uma justaposição. Com essa metáfora, ela enxerga a sociedade boliviana com a proximidade de um profundo conhecimento de uma história não oficial, repleta de lutas, resistências indígenas, da memória subalterna trazida pela história oral e pela sociologia da imagem.

Com base nessa prática epistemológica de conhecimento, a autora enxerga o '*ch'ixi*' na

mestiçagem criada de baixo para cima, naquelas pessoas que construíram sua identidade às custas de um estado que historicamente as excluiu. Assim, a mestiçagem deixa de ser um 'miragem' das políticas estatais e se torna uma realidade nas subjetividades das pessoas que expressam em suas práticas e relações sociais o reconhecimento de seu lado indígena, mas também de seu lado aculturado. Identidades e práticas que se reproduzem de forma contenciosa no choque de opostos, opostos que, ao mesmo tempo, se complementam.

Economia Popular Transnacional

Os imigrantes bolivianos em São Paulo reproduzem práticas econômico-sociais além das fronteiras, baseadas no trabalho familiar e nas redes de parentesco. Essas formas organizativas de trabalho persistem por décadas sem se encaixar totalmente em um modo de produção predominante, principalmente porque resistem a uma racionalidade capitalista em sua versão neoliberal. A essência das práticas comunitárias e suas transformações ao chegar às metrópoles se conecta a um mundo ritualístico festivo devocional.

É um espaço social onde os laços de parentesco se estendem, os vínculos sociais são reafirmados, e se baseiam em uma economia moral e de prestígio. É no espaço festivo onde o '*ch'ixi*' é mais expressivamente manifestado, quando as dimensões materiais e espirituais se conectam. E embora para o observador externo possam parecer apenas tradições reinventadas, fusões ou sincretismo, para aqueles que estudam a migração boliviana como um fenômeno social total (SAYAD, 1994), adquirem conotações profundas relacionadas à história e à longa memória construída no local de origem.

Nos eventos em devoção à Virgem de Copacabana, é possível entender as lógicas '*ch'ixi*' que caracterizam o processo migratório em São Paulo, mas apenas quando se conhece o processo de migração interna do campo para a cidade no departamento de La Paz nas primeiras décadas do século passado, que ao longo do tempo constituíram e consolidaram uma economia popular que também se expandiu internacionalmente para Buenos Aires e São Paulo.

No livro *Cuando el baile mueve montañas, religión y economía cholo – mestizas en La Paz, Bolivia*, estudando a festa religiosa do Senhor do Grande Poder - que para o autor é um evento emblemático e um dos maiores da América Latina - descreve-se a relação intrínseca que a economia tem com os rituais festivo-religiosos na lógica desse sistema econômico cholo-mestiço, pois é com base no crescimento da festa que a economia também se expande territorial e temporalmente (TASSI, 2010).

Embora na cidade de La Paz sejam realizadas anualmente aproximadamente 360 festas patronais⁵, para o antropólogo Nico Tassi, o Grande Poder representa o maior evento realizado na sede do governo da Bolívia. Assim, a festa do Grande Poder é a demonstração e expressão do capitalismo urbano aymara, denominado por Tassi como expansão da economia cholo-mestiça (TASSI, 2010).

Tassi explica que para compreender a festa, neste caso o Grande Poder, é necessário conhecer a cosmologia *aymara*, onde existe uma relação peculiar entre o material e o espiritual, e mesmo entre o estético e o econômico. Haveria uma conexão intersubjetiva entre o espiritual e o econômico (TASSI, 2010).

Para o autor, a magnitude econômica e social da festa concedeu aos *cholo*-mestiços uma exposição visual por meio da paisagem urbana e uma consciência cultural ligada a um senso de im- portância social. Este último aspecto se realiza ao fazer parte de alguma fraternidade e se en- contrar socialmente (TASSI, 2010).

Para o antropólogo Clevert Cárdenas, a festa é uma articulação para reafirmar o *aymara*, ao mesmo tempo em que nega suas origens devido à carga ideológica da modernidade, sendo um espaço de resistência e reinvenção cultural criado de baixo para cima, pelos sujeitos que foram excluídos pelo Estado. Cárdenas argumenta que, no Grande Poder, como máxima expressão do evento festivo popular, existe uma lógica cultural diferente e outros valores em relação ao Estado, mas ao mesmo tempo serve para reafirmar a identidade nacional (CÁRDENAS, 2014).

A festa popular tem uma lógica própria em sua institucionalidade e organização que gira em torno do "Preste", onde se condensam vários códigos culturais, como a reciprocidade, a ritualidade indígena, o prestígio e fundamentalmente a circulação de riqueza (CÁRDENAS, 2014, p. 34).

O Preste é o casal encarregado de realizar a festa principal, que é feita de forma devocional. Este é seu significado dentro do contexto festivo e urbanizado. No entanto, sociologicamente, o Preste é uma instituição social baseada na reciprocidade e que surge das lógicas comunitárias,

⁵ La fiesta patronal se refiere a una manifestación cultural compuesta de misas, entradas folclóricas, procesiones y fiestas La Paz baila 800 veces cada año al ritmo de las fiestas patronales en periódico La Razón 6 -08- 2012. http://www.la-razon.com/la_revista/Paz-veces-ritmo-fiestas_patronales_0_1688231248.html

o que em *aymara* é chamado de "*Ayni*", um trabalho comunitário prestado que deve ser retribuído. É uma forma de organização comunitária baseada na ética e que tem uma estrutura de rotação temporal.

Dentro da organização festiva, o Preste é a figura principal, o organizador da festa principal, mas também é a forma pela qual o "*ayni*" é reestruturado no contexto festivo. O Preste é responsável por conduzir a festa e fazer um grande gasto de dinheiro, mas também faz isso como forma de retribuição aos prestes anteriores que o ajudaram a realizar a festa. Por exemplo, se alguém fornecer quarenta caixas de cerveja para a festa do Preste em um determinado ano, essa pessoa que recebeu as quarenta caixas será moralmente obrigada a devolver essas quarenta caixas e mais alguma coisa. Se não cumprir com essa devolução, sofrerá desaprovação social de sua fraternidade ou organização, ou seja, um castigo moral.

O casal de "pasantes" que representa a figura do Preste precisa atender a certos requisitos para serem nomeados ou escolhidos, como serem casados pela Igreja Católica, serem devotos, terem participado da festa por vários anos e terem acumulado bastante prestígio na comunidade. Para ser Preste, também é necessário que o escolhido tenha acumulado vários "*aynis*", que são as dívidas simbólicas de reciprocidade, o que proporciona uma boa posição social (CÁRDENAS, 2014).

Entender a festa com base nas próprias lógicas que a constituem é compreender as estratégias que os grupos subalternos desenvolvem em resistência ao processo hegemônico do Estado. É uma estrutura social que existe e se reproduz paralelamente aos ritos de unidade nacional criados pelo Estado.

É aí que o "*ch'ixi*" se manifesta, a possibilidade de estar em um constante processo de reinvenção social, construído de baixo para cima, pelos sujeitos e não a partir do Estado. Um processo de aprendizado e reconhecimento do passado como uma força expansiva que vai recriando o social com base no festivo.

Com base nesses elementos, pode-se compreender como o espaço do trabalho se articula com o festivo; a participação em uma fraternidade ou grupo adquire um significado além do lúdico ou do estético. É a representação de um avanço social, um encontro social por meio de outro tipo de lógica, que não é a da distinção das elites "brancas", nem bolivianas, nem brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTEAGA, Ismael Eduardo Schwartzberg. **Lógicas Ch'ixi de la migración boliviana en São Paulo – Brasil**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi: 1011606/D.100.2017.tde-01122017-112615.

ATAIDE, Soraya. Inserción desigual de inmigrantes bolivianos en un mercado de trabajo segmentado: Un estudio en municipios del este salteño. **Andes**, Salta, v. 27, n. 2, p. 00, dic. 2016. Disponible en <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1668-80902016000200002&lng=es&nrm=iso>. Accedido en 18 oct. 2023.

BAENINGER, Rosana. et al. **Migrações Sul – Sul**. NEPO. UNICAMP. Campinas. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **El Sentido Práctico**. Siglo XXI Editores. Argentina. 2007.

CÁRDENAS, Cleverth. De lo Nacional Popular – a la resistencia popular: La representación y performatividad en la fiesta de los andes bolivianos. **Revista Calle 14**, Volumen 10, Número 15. ISSN 2145 – 0706. 2015.

COHEN, Robin. SÓLIDAS, DÚCTEIS E LÍQUIDAS: noções em mutação de “lar” e “terra natal” nos estudos da diáspora. **Em Caderno CRH. Volume 21. N 54. Pág. 519 – 532**. 2008.

CONDARCO, M. Ramiro. **El escenario Andino y el Hombre. Renovación**. La Paz. 1970.

CYMBALISTA, R & XAVIER, I.R. (2007). A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade. **Cadernos Metrópole, 1(17), 119-133**. Recuperado de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/8767/6492>

DE LA TORRE ÁVILA, Leonardo de la. **“No llores prenda, pronto volveré” Migración, movilidad social, herida familiar y desarrollo**”. La Paz. Fundación PIEB; IFEA, UCB. 2006

DIAS, Danilo Borges. **Mídia, Imigração e Identidade(s): as rádios bolivianas de São Paulo**. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Brasília. 2011

DOMENCECH, Eduardo; HINOJOSA G., Alfonso. Emigración Estado y Sociedad en Bolivia: La reivindicación del “voto en el exterior”. En: **Población y Desarrollo Bolivia y los fenómenos de la migración internacional**. CIDES – UMSA. 2009.

FREITAS, Patrícia T. Imigração boliviana para São Paulo e sector da Confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo. Em: **Imigração Boliviana no Brasil**. Rossana Baeninger (Org.). - Campinas Núcleo de Estudos em População – NEPO. Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa. p. 155 - 178. 2012.

FREITAS, Patrícia T. Bolivianos(as) por entre oficinas de costura na cidade de São Paulo: novos aspectos da dinâmica migratória no século 21. In: BAENINGER, Rosana (Org.). Migrações Internacionais. Coleção Por Dentro do Estado de São Paulo, vol. 9. Campinas: Núcleo de Estudos da População, pg. 77-102, 2013.

FREITAS, Patrícia T. *Família e Inserção laboral de jovens migrantes na indústria de confecção*. Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana (REMHU), n. 22, p. 231-246, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-85852014000100014>

GRIMSON, A.: **Relatos de la diferencia y la igualdad. Los bolivianos en Buenos Aires**. Buenos Aires, EUDEBA, 1999.

HINOJOSA G. Alfonso. Buscando la vida: **Familias Transnacionales en España**. CLACSO: Fundación PIEB, La Paz. 2009.

ILLES, Paulo; TIMÓTEO, Gabrielle L. S. & FIORUCCI, Elaine da S. (2008). “Tráfico de pessoas para fins de exploração do trabalho na cidade de São Paulo”. In: **Cadernos Pagu, nº 31**, Universidade de São Paulo.

KLEIN, Herbert S. **Historia de Bolivia. De orígenes al 2010**. 4ta Edición. G.U.M. La Paz. 2011.

MARCEL, Mauss. **Ensayo sobre el don. Forma y función del intercambio en las sociedades arcaicas**. Katz Editores. Madrid. 2009.

MIRANDA, Bruno. “Uno ya sabe a lo que viene”: la movilidad laboral de migrantes andino-bolivianos entre talleres de costura de São Paulo explicada a la luz de la producción del consentimiento. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.** Brasília, v. 25, n. 49, apr. 2017, p. 197-213.

MIRANDA, Bruno. *Fronteras del trabajo esclavo migrante en São Paulo*. Curitiba. 2021.

MORALES R. Yara. Empoderando a la Diáspora Suramericana como agente del desarrollo sostenible. Diagnóstico sobre la participación de la diáspora boliviana como actor del desarrollo sostenible en Bolivia. **Organización Internacional para las Migraciones (OIM)** La Paz. 2022.

MURRA V. John. **Formaciones Económicas del Mundo Andino**. Instituto de Estudios Peruanos I.E.P.. Perú. 1975.

PEÑA CLAROS, Claudia; BOSCHETTI, Alejandra. **Desafiar el Mito cambia – colla interculturalidad, poder y resistencia en el Oriente Boliviano**. Fundación UNIR. Bolivia. 2008.

PIZARRO, Cynthia Alejandra. (Des) marcaciones de la bolivianidad en los hornos de ladrillos de dos localidades argentinas. En **Revista: Temas de Antropología y Migración**. Ed. Universidad de Buenos Aires. Facultad de Filosofía y Letras. Instituto de Ciencias Antropológicas. 2012. <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/199029>

PEREZ, Amín. La liberación del conocimiento Bourdieu y Sayad frente al colonialismo. En: **El desarraigo: La violencia del capitalismo en una sociedad rural**. - 1ª ed.- Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017

RIVERA CUSICANQUI, Silvia y El Colectivo 2. **Principio Potosí Reverso**. Museo Reina Sofía. Madrid. 2010.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Sociología de la Imagen: ensayos**.-1ª ed.- Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Tinta Limón, 2015.

SASSONE, Susana M. CORTÉS, Geneviève. Inmigración Boliviana en la Argentina: Lógicas geográficas de difusión territorial y metropolización. Em: **Las Migraciones bolivianas en la encrucijada interdisciplinar: evolución, cambios y tendencias**. Focus on Internacional Migration n1. Carlota Solé, Sònia Parella y Alisa Petroff (coords.) Barcelona 2014.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo, Edusp, 1998.

SAFRAN, William. Diasporas in Modern Societies: Myths of Homelands and Return. Diaspora: a **Journal of Transnational Studies**. Toronto: University of Toronto Press, v.1, n.1, p. 83-99, 1991.

SCOTT, James. **Los dominados y el arte de la resistencia**. Era. México, 2000.

SILVA, Sidney A. **Costurando sonhos: Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos que trabalham no ramo da costura em São Paulo**. Paulinas. São Paulo. 1997.

SILVA, Sidney A. Bolivianos em São Paulo: Entre o Sonho e a Realidade. Em **Dossiê Migração**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. 2006.

SILVA, Sidney A. **Do Estado Plurinacional da Bolívia para o Brasil: Um estudo da situação sociolinguística de um grupo de imigrantes bolivianos que vivem na região metropolitana de São Paulo**. U.f.G. Dissertação de Doutorado. 2017

SOUCHAUD, Sylvain; BAENINGER, Rosana. Collas e Cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. Em **Revista Brasileira de Estudos de População**. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982008000200005>

SPIGUEL, Júlia. **Descolonizando Saberes: Histórias de Bolivianos em São Paulo**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História, Programa de Pós – Graduação em História Oral. (n.s.), 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Puede hablar el Subalterno? Revista Colombiana de Antropología, vol.39. Instituto Colombiano de Antropología e Historia Bogotá. Colombia. 2003. pp. 297 – 365. <https://www.redalyc.org/pdf/1050/105018181010.pdf>

SOUCHAUD, Sylvain, *A confecção: Nicho ético o nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo?* Em: **Imigração Boliviana no Brasil**. Rossana Baeninger (Org.)

.Campinas Núcleo de Estudos em População – NEPO. Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa. p. 75-92. 2012.

TASSI, Nico. **Cuando el baile mueve montañas. Religión y economía cholo – mestizas en La Paz, Bolivia**. Fundación Praia. La Paz. 2010.

TASSI, Nico *et al.* El Sistema Económico Popular. Consolidación y expansión de la

economía popular en Bolivia. En: **La Economía Popular en Bolivia: Tres miradas**. Centro de Investi- gaciones Sociales (CIS), p. 27 – 140. 2015.

TORANZO, C. (1991). Burguesía chola y señorialismo conflictuado. En Mayorga, F. (Ed.), Max Fernandez, la política del silencio: Emergencia y consolidación de Unidad Cívica Solida- ridad (pp. 13-29). **Instituto Latinoamericano de Investigaciones Sociales**; Facultad de Cien- cias Económicas y Sociología UMSS.

TORANZO R. CARLOS. Burguesías Cholas e Capitalismo boliviano. En **Jornal de Comuni- cación Social**. CIBESCOM. Págs. 167-190. 2020.

XAVIER, Iara Rolnik. **Projeto migratório e espaço: os migrantes bolivianos na Região Me- tropolitana de São Paulo**. UNICAMP. Dissertação de Mestrado, 2010

ZAVALETA MERCADO, René. **Lo nacional-popular en Bolivia**, México: Siglo xxi Edito- res, 1986.

ZAVALETA MERCADO, René. Las masas en Noviembre. En: **La autodeterminación de las masas**. CLACSO. 2009.